PEDRAS VIVAS
SUPLEMENTO SEMANAL DO JORNAL DA MADEIRA
WWW.JORNALDAMADEIRA.COM | DIRETOR: GISELO ANDRADE | 25 DE JANEIRO DE 2026 | NÚMERO 255

Foto: Duarte Gomes

Escolhidos para o amor

Padre Marcos Rebelo celebrou Missa Nova na Calheta

A expressão "Escolhidos desde o seio materno para o amor", retirada das palavras proferidas pelo padre Marcos Rebelo na sua homilia, serviu de fio condutor à Missa Nova celebrada na tarde de domingo, dia 18, na paróquia da Calheta. Foi a partir desta convicção — de que Deus chama, ama e escolhe cada pessoa desde o início da vida — que o novo sacerdote construiu a sua reflexão e deu testemunho da sua própria vocação sacerdotal.

A paróquia da Calheta viveu, assim, um momento de profunda alegria e ação de graças, com a celebração da Missa Nova do padre Marcos Rebelo. A Eucaristia reuniu numerosos fiéis, sacerdotes, familiares, amigos, autoridades civis e representantes de diversas instituições do concelho, que quiseram associar-se ao início do ministério sacerdotal do novo presbítero da Diocese do Funchal.

Ao longo da homilia, o padre Marcos Rebelo insistiu na fidelidade de Deus, apesar da fragilidade humana. Essa fidelidade continua hoje, como sublinhou: "Sabemos que Deus não desistiu de nós porque Ele continua a agir no mundo".

No final da celebração, o vigário geral da Diocese do Funchal, cónego Marcos Gonçalves, usou da palavra em nome do bispo diocesano, dando graças a Deus "pelo ministério sacerdotal do padre Marcos".

"Sabemos que Deus não desistiu de nós porque Ele continua a agir no mundo".

Seguiu-se a intervenção do pároco da Calheta, padre Silvano Gonçalves, que falou com emoção: "Apenas quero manifestar o sentimento que há no meu coração: a minha alma glorifica o Senhor". Comparando a vida paroquial ao trabalho agrícola, afirmou: "Semear custa, é doloroso, mas a alegria da colheita é grande. Hoje é dia de dar graças a Deus".

Após os agradecimentos, o padre Marcos Rebelo disse: "Tudo o que sou e tudo o que faço é para melhor servir o povo de Deus". L.G.

PORTUGAL

São Vicente

P. Giselo Andrade

A igreja paroquial de São Vicente apresenta-se, nestes dias, particularmente bela, cuidada e acolhedora, sinal de uma comunidade viva que valoriza o seu património e reconhece na beleza um caminho para a fé. O recente restauro da imagem de São Vicente em pedra de Ançã devolveu ao olhar dos fiéis a expressividade de uma escultura que é, simultaneamente, obra de arte e objeto de devoção, ajudando a renovar o encontro entre a fé do povo e a herança recebida.

São Vicente é sempre atual. A sua figura atravessa os séculos e o seu testemunho continua a tocar o coração dos crentes. Diácono e mártir do início do século IV, permaneceu fiel a Cristo mesmo diante da perseguição e da morte. O seu martírio continua a interpelar-nos porque fala de fidelidade, coragem serena e verdadeira liberdade interior. Vicente foi capaz de transformar o sofrimento em testemunho e a violência em semente de esperança.

Em Portugal, São Vicente ocupa um lugar singular na construção da memória religiosa e simbólica do país. Mártir hispânico de culto antiquíssimo e amplamente difundido na Igreja universal, a sua devoção antecede a própria formação da nacionalidade, estando documentada em numerosas igrejas e mosteiros desde a Alta Idade Média. A sua figura ganha particular relevo em Lisboa, onde a chegada das suas relíquias, em 1173, o consagrou como padroeiro da cidade, ligando definitivamente o seu nome à afirmação cristã, cultural e política da capital do jovem reino.

Na ilha da Madeira, esta herança espiritual ganha um rosto concreto e profundamente enraizado na vida da comunidade de São Vicente. A devoção ao santo moldou a identidade local, acompanhando gerações que, entre o mar e a montanha, encontraram na fé um apoio para os desafios da vida quotidiana.

Segundo a memória popular, a imagem de São Vicente teria surgido junto à foz da ribeira, associada ao mar, à rocha e à figura simbólica do corvo, evocando antigas narrativas hagiográficas do mártir. A insistência da imagem em regressar a esse lugar levou à edificação da Capela do Calhau, que ainda hoje se impõe como ex-libris do concelho e expressão visível de uma fé profundamente ligada à natureza e à história local.

Entre lenda e história, São Vicente tornou-se, na Madeira, um santo de referência, próximo do seu povo, cuja devoção atravessa gerações e se expressa na vida litúrgica, nas festas e nos gestos simples da piedade popular. A sua figura continua a recordar que a fé, quando vivida com autenticidade, deixa marcas duradouras no coração das pessoas e na identidade de um território.

Celebração Ecuménica em Santa Clara

Foto: Duarte Gomes

Na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, a Igreja do Convento de Santa Clara, no Funchal, acolheu uma Celebração Ecuménica que reuniu representantes de várias confissões cristãs num momento comum de oração, escuta da Palavra e reflexão. Sob o tema «Um só Corpo, um só Espírito, uma só Esperança» (Ef 4,4), a celebração destacou a herança espiritual da tradição arménia, responsável pela preparação dos textos deste ano, enraizados em antigas práticas litúrgicas e centrados em Cristo como fundamento da fé e da esperança partilhadas.

Na reflexão central, o bispo do Funchal sublinhou que a unidade é uma verdadeira vocação inscrita na própria natureza humana, criada à imagem do Deus uno e trino, esclarecendo que não se trata de uniformidade, mas de uma harmonia que valoriza a diversidade de dons, carismas e ministérios. Alertou ainda para os desafios do mundo contemporâneo, marcado por divisões e conflitos, afirmando que a unidade cristã constitui hoje uma responsabilidade histórica e espiritual, com expressão concreta na promoção da paz, do perdão e da fraternidade.

As intervenções dos responsáveis das Igrejas Evangélica Luterana, Anglicana e Presbiteriana reforçaram a importância da humildade, da escuta mútua e do respeito pela diversidade como caminhos de comunhão. A celebração terminou com um apelo à maturidade na fé e ao compromisso comum de testemunhar, com palavras e gestos concretos, a esperança, o amor e a paz que brotam do Evangelho.

Renovação paroquial e missão evangelizadora

Foto: Duarte Gomes

Luísa Gonçalves

As Jornadas de Atualização dos Leigos e Consagrados, subordinadas ao tema "Paróquia, Renovação e Missão", prosseguiram na quarta-feira, 21 de janeiro, no Colégio da Apresentação de Maria, num dia marcado por uma reflexão aprofundada sobre a identidade, os desafios e o futuro das paróquias, a partir de contributos pastorais, sociológicos e litúrgicos.

A sessão iniciou-se com uma intervenção do bispo do Funchal, que voltou a enquadrar os trabalhos no percurso global destas jornadas. "Neste caminho de três dias, nós ontem discutimos pontos para uma renovação da paróquia; enfim, há alguns pontos de partida, hoje vamos terminar essa reflexão", afirmou, sublinhando a continuidade do processo formativo.

De seguida, tomou a palavra o Pe. Tiago Freitas, que deu continuidade à reflexão sobre a renovação da paróquia, chamando a atenção para a forma como, muitas vezes, se idealiza a paróquia. Reforçou ainda a necessidade de manter unidos dois polos essenciais: "A paróquia é uma comunidade de fé, mas essa fé tem de estar ancorada no presente e na história concreta das pessoas". A partir da experiência pastoral, partilhou a preocupação com o envelhecimento das comunidades: "Vemos sempre as mesmas pessoas nos mesmos lugares e, com o tempo, deixamos até de as ver", acrescentando que "custa-nos a todos perceber a dificuldade que é renovar os lugares e atrair jovens".

A conferência "Liturgia: da celebração à vida", proferida pelo Pe. Rui Silva,mDiretor do Serviço de Música Litúrgica do Patriarcado de Lisboa, ocupou um lugar central neste dia. Partilhando uma memória pessoal, evocou um testemunho marcante sobre a diferença entre liturgia autêntica e aquilo a que chamou "liturgices": "A liturgia causava atração; as liturgices, essas causavam aversão".

O Pe. Rui Silva insistiu que a renovação litúrgica não passa por novidades ou invenções, mas por fidelidade.

Quaresma com o SDEC

O Departamento da Catequese da Infância e Adolescência do Secretariado Diocesano de Educação Cristã (SDEC) promove, no próximo dia 8 de fevereiro, a iniciativa "Esta é a nossa fé! Meditação em vista da Quaresma", que terá lugar na Paróquia de Santa Cruz.

A proposta dirigida a catequistas e sacerdotes, convida a um tempo de escuta e oração, como preparação espiritual para o tempo quaresmal. O encontro decorre entre as 15 horas e as 18 horas, integrando momentos de catequese, adoração eucarística, ação e partilha final.

A participação é gratuita, sendo necessária inscrição até ao dia 2 de fevereiro.

Dia da Vida Consagrada

A Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal – Funchal (CIRP) vai assinalar o Dia da Vida Consagrada, nos dias 1 e 2 de fevereiro. O programa terá início no domingo, 1 de fevereiro, com a Vigília de Oração pelos Consagrados, às 20 horas, na Quinta das Rosas.

Na segunda-feira, 2 de fevereiro, data da festa litúrgica da Apresentação do Senhor, será celebrada Missa solene pelas 17h30, na Sé do Funchal, reunindo consagrados e consagradas dos diversos institutos presentes na Diocese, bem como fiéis das várias comunidades paroquiais.

Instituído por São João Paulo II, o Dia da Vida Consagrada é ocasião para reconhecer o testemunho evangélico daqueles que, seguindo Cristo de modo radical, se colocam ao serviço da Igreja e da sociedade.

NÓS POR CÁ

O Deus (des)conhecido

D. Nuno Brás

Quando o Apóstolo S. Paulo chegou à cidade de Atenas e se dirigiu ao Areópago, a praça central da cidade, começou a falar a quantos ali estavam, como era seu hábito. O discurso foi-nos resumido por S. Lucas nos Actos dos Apóstolos:

"Paulo, de pé, no meio do Areópago, começou a falar: «Atenienses, vejo-vos em tudo muito religiosos. De facto, ao percorrer e observar os vossos monumentos sagrados, encontrei um altar no qual está inscrito: 'Ao deus desconhecido'. Pois bem, o que vós venerais sem conhecer, é o que eu vos anuncio»" (At 17,22-24). E começou a falar-lhes de Jesus e da sua ressurreição.

Creio que, nos nossos dias, necessitamos também de retomar este anúncio. De facto, o geral dos nossos contemporâneos acredita em Deus: sabem, percebem, que Deus existe; que o universo e a vida humana não fariam sentido sem Ele. Só que, para muitos (até para muitos baptizados), Ele é um "deus desconhecido": sabem que existe, mas não conseguem viver com Ele porque não Lhe conhecem o rosto nem o seu nome.

O nosso testemunho de cristãos, tal como o testemunho de S. Paulo, consiste em mostrar o nome e o rosto de Deus: o Deus único e verdadeiro tem um nome, Jesus, e tem um rosto porque, durante cerca de 33 anos, viveu, caminhou connosco e morreu como verdadeiro Homem, tendo ressuscitado como verdadeiro Deus.

Essa é a grande notícia que, ainda hoje, precisamos de anunciar. O Deus desconhecido, o Deus que tantos procuram sem saber onde nem como, é Alguém que ainda hoje vem até nós e oferece o sentido do nosso viver: Alguém que nos olha, que nos ama, que nos percebe, que nos anima, que partilha connosco a sua vida. É Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado.●

"O nosso testemunho de cristãos, tal como o testemunho de S. Paulo, consiste em mostrar o nome e o rosto de Deus".

Domingo III do Tempo Comum

EVANGELHO
(Mt 4, 12-17)

Quando Jesus ouviu dizer que João Batistafora preso, retirou-Se para a Galileia. Deixou Nazaré e foi habitar em Cafarnaum, terra à beira-mar, no território de Zabulão e Neftali. Assim se cumpria o que o profeta Isaías anunciara, ao dizer: «Terra de Zabulão e terra de Neftali, estrada do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios: o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam na sombria região da morte uma luz se levantou». Desde então, Jesus começou a pregar: «Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus».●

Jornal da Madeira